

## GÊNEROS, SEXUALIDADES E EMOÇÕES: UM OLHAR PELA LINGUÍSTICA APLICADA CRÍTICA<sup>1</sup>

Lucas Araujo Silva<sup>2</sup>  
Ana Maria Ferreira Barcelos<sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo tem por objetivo relatar os resultados de um levantamento bibliográfico em periódicos brasileiros de Linguística Aplicada dos últimos 10 anos por artigos que abordassem os temas gêneros, sexualidades e emoções no ensino e aprendizagem de línguas. Os resultados apontam uma baixa produção de trabalhos sobre gêneros e sexualidades no ensino de línguas e a inexistência de pesquisas que relacionem os temas às emoções. As implicações deste estudo indicam a necessidade de pesquisas que investiguem as relações entre estes assuntos como maneira de ampliar tais campos do conhecimento com pressupostos teóricos e práticos. Ademais, se faz necessário compreender quais emoções são suscitadas pelas questões de gêneros e sexualidades, visto que são temas emocionalmente sensíveis. Concluímos o artigo apresentando algumas sugestões que podem contribuir com o desenvolvimento de pesquisas considerando a perspectiva crítica de investigações desses temas em Linguística Aplicada.

**Palavras-chave:** Gêneros e Sexualidades, Emoções, Ensino e Aprendizagem de Línguas, Linguística Aplicada Crítica.

### INTRODUÇÃO

Gêneros e sexualidades<sup>4</sup> estão presentes fora e dentro da academia e em diferentes áreas do conhecimento. Temos, por exemplo, trabalhos como livros (Devassos no Paraíso – 2018, de João Silvério Trevisan), músicas (Pajubá – 2017, de Linn da Quebrada) e filmes (Tatuagem – 2013, de Hilton Lacerda). Já na academia, podemos citar Teoria Queer (BUTLER, 2003), de forma interdisciplinar; Psicologia (CARVALHO, RODRIGUES e MEDRADO, 2005); Estudos

---

<sup>1</sup> Este artigo é um trabalho teórico que compõe um projeto de mestrado em Letras e possui financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

<sup>2</sup> Mestrando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Viçosa – UFV, lucas.a.araujo@ufv.br.

<sup>3</sup> Professora Doutora Titular no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa – UFV, anamfb@ufv.br.

<sup>4</sup> Optou-se neste trabalho por sempre que mencionar “gêneros e sexualidades” usar os substantivos no plural como forma de contracultura. Acreditamos que a singularização dessas palavras pode contribuir para o apagamento das particularidades das múltiplas e distintas identidades de gênero e sexualidades existentes.

Culturais (PARKER, 2002); Educação (LOURO, 1997, 2008, 2019; COLLING, 2018; CASTRO, 2018; SILVA, 2018); Análise do Discurso (LIMA, 2020; RIBEIRO, 2020) e Linguística Aplicada – doravante LA – (NORTON e PAVLENKO, 2004; TILIO, 2010; URZÊDA-FREITAS, 2012; OSTERMANN e MOITA LOPES, 2014; BELTRÃO, 2015; JESUS, 2017). Apesar da existência de trabalhos sobre gêneros e sexualidades em LA, nem sempre foi assim. Estes assuntos rompem com a tradição de investigações comum às pesquisas em LA que até a década de 1980 se preocupava puramente com “descrições genéricas de aprendizes [de línguas] e noções estruturalistas de linguagem” (BENESCH, 2012, p. 32)<sup>5</sup> ignorando dimensões sociopolíticas. Logo, a partir dessa década, e mais fortemente durante os anos 1990, emerge uma virada teórica motivada pelas “mudanças tecnológicas, culturais, econômicas e históricas vivenciadas [que] iniciam um processo de ebulição nas Ciências Sociais e nas Humanidades, [e] que começam a chegar à LA” (MOITA LOPES, 2009a, p. 17).

A Linguística Aplicada Crítica – doravante LAC – surge com o objetivo de “fazer o ensino e a aprendizagem de línguas mais responsivo às mudanças no mundo globalizado” (BENESCH, 2012, p. 32). Essa transposição de investigação tradicional abre novos horizontes para pesquisas em LA e, assim, temas antes não investigados começam a ser objetos de estudo. É o que acontece com gêneros e sexualidades que, dentro dos estudos da linguagem no Brasil – considerando não só a LA, mas também a Análise do Discurso –, vêm sendo pesquisados nos últimos 35 anos, como nos mostram Ostermann e Moita Lopes (2014) na linha histórica traçada em seu artigo *Language and Gender Research in Brazil*. A LAC propõe “atravessar/violar fronteiras [e] tentar ‘pensar nos limites’ ou ‘para além dos limites’ que se apresentam nas tradições epistemológicas desta área” (MOITA LOPES, 2009b, p. 34). Logo, essa vertente de investigação considera que os olhares se lançam a partir da perspectiva de “prática problematizadora” (TILIO, 2017, p. 23) do que está dado e naturalizado. Para Tilio (2017), o pensar e o agir crítico demarcados pela LAC consideram “questões de acesso, poder, diferença, desigualdade e resistência, sempre atreladas às condições sócio-históricas de produção e reprodução das relações sociais” (TILIO, 2017, p. 23). Ou seja, analisar pelo viés crítico vai além de puramente se distanciar do senso comum, inclui também compreender como as práticas sociais são estabelecidas, fixadas e se tornaram hegemônicas. Inclui, ainda, transbordar as barreiras da normatividade por meio do questionamento, do estranhamento, da reflexão e da transformação (TILIO, 2017, p. 28). Também sobre isso, Luke (2004) citado por Benesch

---

<sup>5</sup> Todas as citações em língua inglesa usadas neste artigo são de tradução de Silva e Barcelos.

(2012, p. 8-9) menciona que “o olhar crítico pode causar desconforto já que passamos a ver o que é familiar como estranho”.

Emoções também são objetos de estudo em diferentes ciências, como aponta Barcelos (2013, p. 164-165): na Psicologia (IZARD, 1991; SOLOMON, 2004; ROBERTSON, 2004), na Educação (ZEMBYLAS, 2004) e também em LA (SO, 2005; ARAGÃO, 2007; IMAI, 2010). Nos estudos sobre emoções em LA a perspectiva crítica de investigações se mostra mais recente. Cronologicamente, dentro da bibliografia levantada por Barcelos (2015), uma perspectiva crítica de emoções no ensino e aprendizagem de línguas se fortifica a partir do livro *Considering Emotions in Critical English Language Teaching: Theories and Praxis*, de Sarah Benesch, publicado em 2012. Nele a autora reconhece que em LAC se teoriza pouco sobre emoções, mas cita Norton (2000) que, ao investigar identidades de mulheres falantes de inglês imigrantes no Canadá, percebeu uma conexão entre o que elas sentiam ao falar a língua, as relações de poder e as interações sociais (BENESCH, 2012, p. 9). Sobre isso também, Zembylas (2005), em uma perspectiva geral, aponta que as emoções são práticas discursivas e que os indivíduos estão envolvidos em redes de poder moldadas socioculturalmente (ZEMBYLAS, 2005, p. 937).

Pela abordagem crítica é indispensável entender que o poder influencia as emoções e como isso acontece. Abu-Lughod e Lutz (1990 apud ZEMBYLAS, 2005, p. 937) consideram que “as relações de poder determinam o que pode, o que não pode, ou o que deva ser dito sobre o eu e sobre as emoções, e o que é tido como verdadeiro ou falso sobre elas, além do que apenas alguns indivíduos podem dizer sobre elas”. A exemplo disso, em sua pesquisa empírica com uma professora ao longo de três anos, Zembylas (2005) mostrou a construção histórica de regras emocionais no ambiente de trabalho da professora, em que demonstrar emoções não era considerado profissional, ou seja, professores precisam ser emocionalmente neutros para parecerem profissionais. Essas relações de poder também regulam as discussões sobre gêneros e sexualidades e, por causa disso, esses são temas considerados tabus, já que no imaginário social são tidos como individuais, privados, obscenos e não como sociais e políticos. Este imaginário é resultado de uma tradição construída historicamente pelos princípios cristãos, patriarcais e burgueses que regem a sociedade. Nos últimos 30 anos esse imaginário foi intensificado com o surgimento da expressão “ideologia de gênero”, que consiste em deslegitimar identidades de gêneros e sexualidades LGBTQIA+<sup>6</sup> por meio de discursos patologizantes e biologizantes baseados na configuração tradicional de família: homem

---

<sup>6</sup> Sigla usada para se referir às identidades de gênero não cisgêneras e às sexualidades não heterossexuais.

cisgênero (pai), mulher cisgênero (mãe) e filhos cisgêneros. Como consequência desse cenário conservador, surgem propostas de reformas educacionais que visam censurar e coibir o trabalho docente, como é o caso do Programa Escola Sem Partido<sup>7</sup>, que traz em suas atribuições não abordar, por exemplo, os temas gêneros e sexualidades nas escolas, pois esses, segundo a ementa<sup>8</sup> do programa, representam imiscuição do amadurecimento sexual dos alunos, dogmatismo e proselitismo, ou seja, configuram “ideologias doutrinadoras” impertinentes para a escolarização de crianças e jovens.

É preciso mencionar também que na LAC a problematização do que se entende por língua é essencial e vai muito além de um sistema de códigos regido por organizações sintático gramaticais. A respeito disso, Urzêda-Freitas e Pessoa (2012) afirmam que:

“Se, em uma concepção mais tradicional de LA a língua é definida como uma estrutura independente de seus(suas) usuários(as) e do mundo no qual eles(as) vivem, na concepção da LAC usar uma língua significa se posicionar ideológica e politicamente, além de assumir uma postura de conhecimento que reflete nossas marcas identitárias [...]” (URZÊDA-FREITAS e PESSOA, 2012, p. 232).

“[...] uma vez que as identidades de *gênero, raça, classe, sexualidade*, entre outras, são performadas *na e através da* língua, a aprendizagem de línguas deve adotar uma postura crítica no sentido de considerar essas diferenças no contexto da sala de aula. Tal postura requer uma compreensão do corpo como um lugar onde essas identidades/diferenças estão inscritas/marcadas” (URZÊDA-FREITAS e PESSOA, 2012, p. 235. Grifos dos autores).

Portanto, ao assumir a LAC como baliza teórica para este trabalho, estamos também o aliando à concepção de língua como prática social, ou seja, a língua como expressão de nossa inserção na sociedade demarcando todos os atravessamentos que nos compõem enquanto sujeitos. Logo, assim como mencionam Urzêda-Freitas e Pessoa (2012), acreditamos que o ensino de línguas também deva ser transgressor e considerar os atravessamentos das identidades nos ambientes de aprendizagem, visto que a literatura tem mostrado a importância de politizarmos o ensino e adequá-lo à realidade contemporânea a fim de mitigar o sofrimento humano gerado pela crise nas relações sociais.

Este artigo relata resultados de um levantamento bibliográfico por artigos que abordam os temas gêneros, sexualidades e emoções em periódicos brasileiros de LA nos últimos 10 anos. Além dessa introdução, na segunda parte discutiremos sobre algumas caracterizações de gêneros, sexualidades e emoções. Em seguida, discutimos os resultados. Concluímos retomando os principais aspectos deste estudo, suas implicações e sugestões para futuros

<sup>7</sup> Projeto de Lei do Senado nº 193, de 2016

<sup>8</sup> Disponível em: <http://escolasempartido.org/anteprojeto-lei-federal/> Acesso em: 18 out. 2020.

trabalhos a fim de ampliar os horizontes das pesquisas sobre gêneros, sexualidades e emoções no ensino e aprendizagem de línguas.

## **GÊNEROS, SEXUALIDADES E EMOÇÕES: BREVES CARACTERIZAÇÕES**

Nesta seção apresentamos algumas caracterizações de gêneros e sexualidades e de emoções, a fim de compreender esses conceitos e sua relação com o ensino e aprendizagem de línguas, além de discutir a natureza social das emoções e sua importância para diferentes estudos em LA.

Gêneros e sexualidades são marcadores identitários, ou seja, partes integrais da vivência humana. Apesar disso, os temas ainda são foco de poucos estudos ao se tratar de ensino e aprendizagem de línguas. Neste trabalho, as noções de gêneros e sexualidades utilizadas estão embasadas em teorias sociais que consideram os temas como identidades sócio, histórica e culturalmente construídas. Ao afirmar isso, entendemos que:

“A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo.”. (LOURO, 2008, p. 18)

Assim, esses marcadores identitários contribuem para a compreensão dos sujeitos e de suas relações e vivências no meio social, permitindo que enxerguemos lacunas geradas pelo poder socialmente instituído. Porém, as reflexões que os circundam conflitam com as hegemonias ancestralmente datadas, naturalizadas e vigentes na contemporaneidade. Como afirma Louro (2008), as instâncias sociais funcionam como mantenedoras dessas hegemonias. No caso da educação, por exemplo, os trabalhos de Silva e Herneck (2017), Silva, (2018) e Ribeiro (2020) apontam o despreparo dos educadores em lidar com gêneros e sexualidades no ambiente escolar, resultado da falta de formação docente sobre os assuntos nos âmbitos inicial e continuado. Nas pesquisas voltadas para o ensino e aprendizagem de línguas, Urzêda-Freitas (2012), Beltrão (2015) e Jesus (2017) mostram que os temas gêneros e sexualidades não estão presentes nas aulas. Ou seja, ao não discutirmos sobre esses temas por meio da educação estamos sendo omissos e contribuindo para abjeção, exclusão e violência contra as identidades LGBTQIA+. Isso ocorre porque ao não questionar a norma social compulsória estamos contribuindo com sua manutenção e perpetuando privilégios assegurados a grupos que se encaixam nela: homens cisgêneros, masculinos e heterossexuais. Nas palavras de Louro (2008):

“A norma não emana de um único lugar, não é enunciada por um soberano, mas, em vez disso, está em toda parte. [...] A posição ‘normal’ é, de algum modo, onipresente, sempre presumida, e isso a torna, paradoxalmente, invisível. Não é preciso mencioná-la. Marcadas serão as identidades que dela diferirem.”. (LOURO, 2008, p. 22)

Em nossa sociedade não fazer parte da norma é sinônimo de exclusão. Benevides e Nogueira (2020), por exemplo, ao apresentarem dados de violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019 destacaram a baixa escolarização de pessoas trans causada pela expulsão/evasão: “cerca de 0,02% estão na universidade, 72% não possuem o ensino médio e 56% o ensino fundamental” (BENEVIDES e NOGUEIRA, 2020, p. 32). Consequência direta desses dados é a não inserção no mercado formal de trabalho, evidenciando a vulnerabilidade das pessoas LGBTQIA+ em virtude de seus gêneros e sexualidades não cisheterossexuais. Por tal, Louro (2019) afirma que gêneros e sexualidades dizem respeito não só ao indivíduo, mas à sociedade em que ele está inserido, pois são socioculturalmente construídos e reverberam consequências dessa construção. Por isso, reconhecemos a importância de construirmos diálogos sobre os assuntos por meio da educação, ferramenta indispensável para pensarmos uma sociedade mais justa para todas as vidas. Logo, permanecer negligenciando as demandas sociais em crise não pode ser uma opção, pois assim as minorias<sup>9</sup> afetadas por essa preterição continuarão nas estatísticas de população que mais morre por violência LGBTfóbica no mundo (OLIVEIRA, 2020, p. 13). Para Moita Lopes (2009a, p. 22) “é crucial pensar formas de fazer pesquisa que sejam também modos de fazer política ao tematizar o que não é tematizado e ao dar a voz a quem não tem”. Aliás, a nosso ver, não se trata de “dar voz a quem não tem”, pois todos temos vozes; mas se trata de ouvir, impulsionar e fazer ecoar a voz de quem tem sido silenciado.

No que diz respeito às emoções, Barcelos (2015, p. 312) afirma que “as emoções e o ensino estão inter-relacionados epistemológica e constitutivamente (ZEMBYLAS, 2004) e, assim, o ensino é definido como ‘uma maneira de ser e sentir, historicamente, em relação aos outros’” (ZEMBYLAS, 2005, p. 469). Logo, “é importante entender como as emoções interagem para moldar o que professores (BORG, 2006) e aprendizes (KALAJA & BARCELOS, 2013) fazem [e] suas implicações para a aprendizagem (NESPOR, 1987)” (BARCELOS, 2015, p. 302). Diferentes autores têm investigado emoções (ARAGÃO, 2010; BARCELOS, 2013; WHITE, 2018; AGUDO, 2018; SONG, 2018). Percebe-se nas

---

<sup>9</sup> Segundo Louro (2008), “a expressão minoria não pretende se referir à quantidade numérica, mas sim a uma atribuição valorativa que é imputada a um determinado grupo a partir da ótica dominante” (LOURO, 2008, p. 20).

caracterizações das emoções dois eixos comuns: 1) a natureza sócio-histórica e 2) o fato de não serem inatas. Aragão (2010) afirma que “emoções são disposições corporais dinâmicas que modulam nossa conduta e nossas relações em momentos específicos (cf. Maturana 1998; Aragão, 2005)” (ARAGÃO, 2010, p. 173). Essa ideia de emoções como ação também é apresentada por Barcelos (2013) ao citar Hansen (1999): “a palavra e-moção indica movimento e motivação” (HANSEN, 1999, p. 214 apud BARCELOS, 2013, p. 164). Song (2018) afirma que “as emoções não podem ser compreendidas como meras respostas individuais para dadas situações” (SONG, 2018, p. 458), ou seja, suas raízes estão nas relações sociais. Elas também têm sido caracterizadas como “elemento crucial da vida mental e social humana” (WHITE, 2018, p. 20) e apontadas como sendo de “natureza dinâmica, multifacetada e sofisticada” (AGUDO, 2018, p. 3).

Emoções no ensino e aprendizagem têm sido objeto de pesquisas na Educação e em LA há pelo menos vinte anos (NIAS, 1996; HARGREAVES, 1998; ZEMBYLAS, 2005; ARAGÃO, 2010; BENESCH, 2012; GOLOMBEK e DORAN, 2014; BARCELOS, 2015; RUOHOTIE-LYHTY *et al.*, 2016; SONG, 2018; MIYAHARA, 2019).

Na Educação, Nias (1996) e Hargreaves (1998) mostram a importância de se pesquisar as emoções de professores e as consequências emocionais das pressões feitas pelo sistema sobre o trabalho docente por meio de reformas educacionais. Zembylas (2005) traz um olhar discursivo sobre as emoções expondo como as relações de poder podem criar regras emocionais e acentuar emoções negativas que impactam diretamente na constituição da identidade de professores. Em LA, por sua vez, Aragão (2010) aponta como as crenças, as emoções e o estilo cognitivo de cada aprendiz de línguas é construído pelos contextos de aprendizagem e de sua história. Benesch (2012) escreve sobre a abordagem crítica como forma de pensar o estudo de emoções e coloca a prática em destaque, dando exemplos de trabalhos empíricos que consideram as emoções por este viés. Golombek e Doran (2014) propõem uma investigação da experiência emocional de professores novatos para entender o processo de desenvolvimento cognitivo por meio da mediação do professor formador. Barcelos (2015) se debruça sobre a relação entre emoções, crenças e identidades e mostra que são conceitos inseparáveis. Ruohotie-Lyhty *et al.* (2016), a partir de um estudo longitudinal, apresentam o importante papel das emoções na relação entre professores e alunos. Song (2018) foca nas emoções de professores falantes não nativos de inglês para mostrar como influências políticas e ideológicas afetam suas identidades profissionais e práticas docentes. Já Miyahara (2019) traz a noção de reflexividade como ferramenta metodológica para pesquisas sobre emoções.

## METODOLOGIA

Em maio de 2020 realizamos uma busca por artigos a respeito dos temas gêneros, sexualidades e emoções em periódicos brasileiros de LA. Foram selecionados oito periódicos, considerando as notas Qualis A1, B1 e B2, de acordo com a classificação da Plataforma Sucupira (CAPES). A tabela 1 abaixo informa o nome do periódico e sua respectiva nota Qualis (quadriênio 2013-2016).

*Tabela 1. Relação periódico e nota qualis.*

PERIÓDICO	NOTA QUALIS
DELTA	A1
Horizontes de Linguística Aplicada	B1
Ilha do Desterro	A1
Linguagem e Ensino	A1
Revista Brasileira de Linguística Aplicada	A1
Signótica	B1
Signum - Estudos da Linguagem	B2
Trabalhos em Linguística Aplicada	A1

*Fonte dos dados: Plataforma Sucupira (CAPES)*

As buscas foram feitas seguindo alguns critérios segundo Sarnighausen (2011 apud BORDINI e GIMENEZ, 2014, p. 19), sendo eles: parâmetro temático, critérios de inclusão, parâmetro linguístico, fontes bibliográficas, parâmetro cronológico e leitura de reconhecimento/exploratória. Sobre o parâmetro temático, procuramos pelos termos “gênero(s)”, “sexualidade(s)”, “LGBTQIA+” e suas variações, “emoções” e “ensino crítico de línguas”. Os critérios de inclusão foram textos que mencionassem pelo menos um dos termos da busca de forma isolada e/ou relacionada com outro(s) termo(s). Quanto ao parâmetro linguístico, foram considerados textos escritos em português e inglês. Nossas fontes bibliográficas foram as páginas *online* dos periódicos disponíveis na internet. Para o parâmetro cronológico consideramos o recorte temporal de 2010 a 2020. Por fim, foi realizada leitura de reconhecimento/exploratória (rápida e objetiva) para identificação dos textos.

Foram investigadas 216 edições no total, sendo que na maioria delas os periódicos investigados publicaram dois números por ano, havendo, ainda, periódico que publicou mais de dois números em um mesmo ano. Na época da busca, alguns periódicos ainda não haviam publicado nenhuma edição em 2020. Logo, nesses casos, foi considerada até a última edição de 2019. Para periódicos com publicações em 2020, foram considerados lançamentos até o mês de



maio. O resumo da quantidade de edições publicadas pelos periódicos e investigadas para este artigo pode ser conferido na tabela 2:

*Tabela 2. Relação periódico e número de edições publicadas e investigadas.*

PERIÓDICO	N.º DE EDIÇÕES PUBLICADAS E INVESTIGADAS (2010 – MAIO 2020)
DELTA	34
Horizontes de Linguística Aplicada	20
Ilha do Desterro	26
Linguagem e Ensino	26
Revista Brasileira de Linguística Aplicada	40
Signótica	21
Signum - Estudos da Linguagem	22
Trabalhos em Linguística Aplicada	27
<b>TOTAL: 216</b>	

*Fonte dos dados: próprio estudo.*

Na seção seguinte apresentamos e discutimos resultados e caminhamos para as considerações finais deste artigo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre as 216 edições de periódicos investigados, foram encontrados somente oito artigos que abordam gêneros e/ou sexualidades. Em todos eles o viés crítico é mencionado. Além disso, os artigos encontrados foram considerados por mencionarem pelo menos um dos três assuntos em investigação neste artigo: gêneros, sexualidades, emoções, tanto de forma isolada, quanto relacionada. Dentre os oito trabalhos encontrados: a) todos mencionam gêneros e/ou sexualidades de alguma maneira; b) nenhum menciona emoções e c) nenhum relaciona gêneros, sexualidades e emoções. Além disso, cinco dos oito artigos encontrados são de autoria de Pessoa, sendo um como única autora e quatro em coautoria e tendo sido publicados em periódicos e anos diferentes. Ademais, dois são de autoria de Urzêda-Freitas, sendo um como único autor e um em coautoria e tendo sido publicados em periódicos e anos diferentes. A tabela 3 abaixo informa a quantidade de artigos encontrados em cada periódico e a autoria.

Tabela 3. Relação periódico, quantidade de artigos encontrados e autoria.

PERIÓDICO	NÚMERO DE ARTIGOS ENCONTRADOS	AUTORIA
DELTA	0	-
Horizontes de Linguística Aplicada	0	-
Ilha do Desterro	0	-
Linguagem e Ensino	1	Alves (2018)
Revista Brasileira de Linguística Aplicada	4	Pessoa (2014) Pessoa e Urzêda-Freitas (2016) Pessoa, Andrade e Ferreira (2018) Bezerra (2019)
Signótica	1	Pennycook, Pessoa e Silvestre (2016)
Signum - Estudos da Linguagem	0	-
Trabalhos em Linguística Aplicada	2	Urzêda-Freitas (2012) Pessoa e Hoelzle (2017)
<b>TOTAL: 8</b>		

Fonte dos dados: próprio estudo.

Por meio dessa busca foi possível apurar que, em primeiro lugar, há uma baixa produção de trabalhos sobre gêneros e sexualidades no ensino de línguas, considerando o recorte temporal, a quantidade de publicações investigadas e o número de artigos encontrados. Além disso, notamos uma concentração de publicações em periódicos de nota A1, considerados de estrato mais elevado segundo a classificação Qualis. Assim como em Martins, Souza e Aragão (2017), o recorte da relevância Qualis “teve como propósito englobar pesquisas feitas por alunos e professores, mestrandos, doutorandos, mestres e doutores no contexto de produção científica” (MARTINS, SOUZA e ARAGÃO, 2017, p. 571). Porém, se a concentração de produções está em revistas A1, concluímos que o acesso de autores não mestres/mestrandos/doutores/doutorandos é inexistente.

Em segundo lugar, no contexto de produção nacional, não há trabalhos que relacionem gêneros, sexualidades e emoções no ensino e aprendizagem de línguas. Por outro lado, Benesch (2016), ao reportar um cenário internacional de pesquisas, aponta que “a literatura sobre emoções na Linguística Aplicada Crítica (LAC) é limitada, mas crescente” (BENESCH, 2016, p.1). Como relatado na introdução deste artigo, a própria autora possui um trabalho considerado importante dentro da abordagem crítica de estudo das emoções, o livro *Considering emotions in critical English language teaching - Theories and Praxis*, publicado em 2012. Porém, apesar

de sua relevância para a LAC, o livro em questão não apresenta estudos sobre gêneros e sexualidades relacionados às emoções. Já em uma pesquisa mais recente, Benesch (2016) afirma que dentro da ótica crítica o desejo é a emoção mais investigada (BENESCH, 2016, p. 3). Logo, a autora apresenta três trabalhos sobre desejo no ensino e aprendizagem de inglês em um contexto asiático e dos quais um se faz relevante de ser mencionado por ter gêneros e sexualidades como aparentes na análise. Destacamos a pesquisa de Appleby (2013) que investigou como professores de inglês atuantes no Japão e vindos de países ocidentais têm suas identidades moldadas por discursos de desejo, masculinidade e heterossexualidade enunciados por alunas aprendizes de inglês como língua estrangeira (BENESCH, 2016, p. 4). Mas, apesar de gêneros e sexualidades serem o foco da pesquisa, os temas dialogam com os estudos de identidade docente mais propriamente e não foca em emoções.

Logo, esse breve levantamento bibliográfico indica que não existem trabalhos no contexto brasileiro que relacionam gêneros, sexualidades e emoções no ensino e aprendizagem de línguas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo focamos na relação entre gêneros, sexualidades e emoções tentando problematizar o ensino e aprendizagem de línguas em relação a realidade social. Definimos emoções como construídas sócio-historicamente e permeadas pelas relações de poder. Essas relações permitem violências e aversão, como é o caso do que acontece com os marcadores identitários de gêneros e sexualidades LGBTQIA+. Evidenciamos também que, apesar das pesquisas balizadas pela LAC problematizarem essas relações de poder, são inexistentes os trabalhos que relacionam gêneros, sexualidades e emoções no ensino e aprendizagem. Em meio a essa lacuna de trabalhos, se faz relevante considerar pesquisas que proponham mostrar as relações entre gêneros, sexualidades e emoções como maneira de ampliar esses campos do conhecimento com pressupostos teóricos e práticos. Ademais, se faz necessário compreender quais emoções são suscitadas pelos temas gêneros e sexualidades, visto que estes são temas emocionalmente sensíveis diante do poder socialmente instituído que os considera tabus, naturalizando e legitimando certas práticas sociais e condenando outras.

Song (2018) sugere que pesquisas sobre emoções considerem a luz da investigação crítica como teoria de análise e tentem responder “como as emoções de professores servem para reproduzir ou resistir às relações de poder e ao *habitus* cultural por meio da formação da identidade de professores de línguas em contextos variados” (SONG, 2018, p. 464). Além disso,

acreditamos que a relação gêneros-sexualidades-emoções no ensino e aprendizagem seja investigada por meio de pesquisas empíricas que considerem contextos brasileiros, visto que publicações nacionais dos últimos 10 anos não abarcam os temas de forma relacionada. Para tal, sugerimos aqui algumas perguntas para pensar futuros trabalhos.

Considerando professores de línguas como foco, as seguintes perguntas podem ser feitas: 1) Como professores veem a relação entre gêneros, sexualidades e as aulas de línguas? 2) Professores de línguas possuem formação para abordar gêneros e sexualidades em suas aulas? 3) Como eles se sentem ao abordarem gêneros e sexualidades nas aulas de línguas? 4) Gêneros e sexualidades são temas emocionalmente sensíveis? Por quê?

Por outro lado, ao considerarmos aprendizes de línguas como foco da pesquisa, poderíamos indagar: 5) Como os aprendizes veem a relação entre gêneros, sexualidades e as aulas de línguas? 6) Como eles se sentem ao terem aulas que abordam os temas? 7) Qual a importância dos temas para a formação enquanto aprendiz de línguas?

Esperamos que este artigo possa servir de alerta para a necessidade de pensarmos novos trabalhos no campo de ensino e aprendizagem de línguas. O desenvolvimento de pesquisas mostrando as relações existentes entre os temas gêneros, sexualidades e emoções podem nos ajudar a evidenciar e entender melhor o poder e seus atravessamentos na educação.

## REFERÊNCIAS

AGUDO, J. D. M. Introduction and Overview. Emotions in Second Language Teaching. **Theory, Research and Teacher Education**. New York: Springer. 2018, p. 1-16.

ARAGÃO, R. Crenças, cognição e emoção no ensino e aprendizagem de línguas. In: SILVA, K. A. (org.). **Crenças, discursos e linguagens** (vol. 1.) Campinas: Pontes, 2010, p. 167-193.

BARCELOS, A. M. F. Desvelando a relação entre crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas, emoções e identidades. In: GERHARDT, A. F. L. M.; AMORIN, M. A.; CARVALHO, A. M. (orgs). **Linguística Aplicada e ensino: língua e literatura**. Campinas: Pontes, 2013, p. 153-186.

BARCELOS, A. M. F. Unveiling the relationship between language learning beliefs, emotions, and identities. **Studies in Second Language Learning and Teaching**, 5(2), 2015, p. 301-325.

BELTRÃO, M. E. Práticas identitárias e letramentos queer no Ensino Médio: desafios e perspectivas curriculares para o ensino de línguas. **Periódicus**, Salvador, n. 4, v. 1, Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades. 2015, p. 231-241.

BENESCH, S. **Considering Emotions in Critical English Language Teaching: Theories and Praxis**. Routledge. New York. 2012.

BENESCH, S. Critical Approaches to the Study of Emotions in English Language Teaching and Learning. **The Encyclopedia of Applied Linguistics**, Edited by Carol A. Chapelle. 2016, p.1-6.

BENEVIDES, B.; NOGUEIRA, S. N. B. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019** / BENEVIDES B. G.; NOGUEIRA, S. N. B. (Orgs). – São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2020.

BORDINI, M. G.; GIMENEZ, T. N. Estudos sobre Inglês como Língua Franca no Brasil (2005-2012): Uma metassíntese qualitativa. **Revista Signum: Estudos Linguísticos**, Londrina, n. 17/1, 2014, p. 10-43.

CARVALHO, A. M.; RODRIGUES, C. S.; MEDRADO, K. S. Oficinas em sexualidade humana com adolescentes. **Estudos de Psicologia (UFRN)**, v. 10, 2005, p. 377-384.

CASTRO, R. P. Currículos-Trajetórias-De-Vida: experiências docentes em disciplinas que abordam as relações de gênero e sexualidades na formação inicial docente. **Currículo sem Fronteiras**, v. 18, n. 1, jan./abr. 2018, p. 352-379.

COLLING, L. **Gênero e sexualidade na atualidade** / COLLING, L. - Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2018 [recurso eletrônico – e-book].

GOLOMBEK, P.; DORAN, M. Unifying cognition, emotion, and activity in language teacher professional development. **Teaching and Teacher Education**, 39, 2014, p. 102–111.

HARGREAVES, A. The emotional practice of teaching. **Teaching and Teacher Education**, 14(8), 1998, p. 835–854.

JESUS, D. M. Letramentos para a diversidade: dúvidas e incertezas do professor em sala de aula. **Perspectivas críticas no ensino de línguas: novos sentidos para a escola** / JESUS, D. M.; ZOLIN-VESZ, F.; CARBONIERI, D. (Orgs.). Campinas, SP: Pontes Editores, 2017, p. 67-76.

LIMA, M. R. “Não recomendado à sociedade”: análise discursiva crítica das representações do corpo/discurso transvestigênere de Luana Muniz nas práticas midiáticas jornalísticas. **Representações discursivas de identidades de gênero em práticas sociais brasileiras.** / GOMES, M. C. A.; PIMENTA, P. F. (Orgs.) – Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020 [recurso eletrônico – e-book], p. 171-185.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes. 1997.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade** / LOURO, G. L. (Org.); tradução Tomaz Tadeu da Silva. 4. Ed.; 2. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 9-42.

MARTINS, S. T. A.; SOUZA, N. E. S.; ARAGÃO, R. C. Metassíntese qualitativa sobre os estudos de crenças, emoções e identidade (2009-2015). **Fólio – Revista de Letras**. Vitória da Conquista. v. 9, n. 2, jul./dez. 2017, p. 563-589.

MIYAHARA, M. Methodological diversity in emotions research: Reflexivity and identities. **Journal for the Psychology of Language Learning**, v. 1, 2019, p. 83-105.

MOITA LOPES, L. P. Da aplicação de linguística à linguística aplicada indisciplinar. In: PEREIRA, R. C. & ROCA, P. (Org.). **Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009a, p.11-24.

MOITA LOPES, L. P. Linguística Aplicada como lugar de construir verdades contingentes: sexualidades, ética e política. **Revista Gragoatá**. Niterói, n. 27, sem. 2009b, p. 33-50.

NIAS, J. Thinking about feeling: the emotions in teaching. **Cambridge Journal of Education**, 26(3), 1996, p. 293–306.

NORTON, B.; PAVLENKO, A. Addressing gender in the EFL/ESL classroom. **TESOL QUARTERLY**. 2004, p. 504-514.

OLIVEIRA, J. M. D. **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil – 2019: Relatório do Grupo Gay da Bahia**/ OLIVEIRA, J. M. D.; MOTT, L. – 1. ed. – Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2020.

OSTERMANN, A. C.; MOITA LOPES, L. P. Language and Gender Research in Brazil. In: EHRLICH, S., MEYERHOFF, M., HOLMES, J. (Ed.). **The Handbook of Language, Gender, and Sexuality**. Second Edition. John Wiley & Sons, Ltd. 2014, p. 412-430.

PARKER, R. **Abaixo do Equador: Culturas de Desejo, Homossexualidade Masculina e Comunidade Gay no Brasil**. Rio de Janeiro: Record. 2002.

QUEBRADA, L. **Pajubá**. São Paulo: YB Music, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLIOe7jYNIYZ2I2R0WO9UNF6xZQnRqOHhM>  
Acesso em 17 out. 2020.

RIBEIRO, S. S. Análise discursiva crítica dos relatos de homens trans em práticas socioescolares de Viçosa-MG. **Representações discursivas de identidades de gênero em práticas sociais brasileiras** / GOMES, M. C. A.; PIMENTA, P. F. (Orgs.) – Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020 [recurso eletrônico – e-book], p. 207-225.

RUOHOTIE-LYHTY, M.; KORPPI, A.; MOATE, J.; NYMAN, T. (2016): Seeking Understanding of Foreign Language Teachers' Shifting Emotions in Relation to Pupils, **Scandinavian Journal of Educational Research**, DOI: 10.1080/00313831.2016.1258659.

SILVA, P. S.; HERNECK, H. R. Gênero e sexualidade na formação docente: casos e acasos. In: FERRARI, A.; CASTRO, R. P. (Orgs.). **ABEH e a construção de um campo de pesquisa e conhecimento: Desafios e potencialidades de nos re-inventarmos**. 1 ed. Juiz de Fora: Realize Editora, 2017 [recurso eletrônico – e-book], p. 700-707.

SILVA, J. P. L. Crianças queer no currículo escolar: demandando visibilidade e bagunçando as normas de gênero. **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades/ PARAÍSO, M. A.; CALDEIRA, M. C. S. (orgs.)** – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018, p. 261-278.

SONG, J. Critical Approaches to Emotions of Non-Native English Speaking Teachers. **Chinese Journal of Applied Linguistics**, 4(4). 2018, p. 453-467.

**TATUAGEM.** Direção de Hilton Lacerda. Pernambuco: Imovision, 2013. (110 min)

TILIO, R. Gênero e sexualidade em livros didáticos de inglês: ainda tabus? **Cadernos de Letras (UFRJ)** n. 26 – jun. 2010, p. 48-61.

TILIO, R. Ensino crítico de língua: afinal, o que é ensinar criticamente? **Perspectivas críticas no ensino de línguas: novos sentidos para a escola / JESUS, D. M.; ZOLIN-VESZ, F.; CARBONIERI, D. (Orgs.)**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017, p. 19-31.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade / TREVISAN, J. S.** – 4ª Ed. ver., atual. e amp. Rio de Janeiro: Objetiva. 2018.

URZÊDA-FREITAS, M. T. Educando para transgredir: reflexões sobre o ensino crítico de línguas estrangeiras/inglês. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, n (51.1), jan./jun. 2012, p. 77-98.

WHITE, C. J. The Emotional turn in Applied Linguistics and TESOL: Significance, Challenges and Prospects. In.: **Emotions in Second Language Teaching. Theory, Research and Teacher Education.** New York: Springer. 2018, p. 19-34.

ZEMBYLAS, M. Discursive practices, genealogies and emotional rules: A poststructuralist view on emotion and identity in teaching. **Teaching and teacher education.** 2005, p. 935-948.

